

Pior crise no setor siderúrgico se estende à Usiminas, CSN e Gerdau

A decisão da Usiminas em paralisar a atividade primária em Cubatão é, até agora, o retrato mais cruel da crise

DA REDAÇÃO

A crise do aço, classificada como a pior da história do setor pelo presidente executivo do Instituto Aço Brasil (IABr), Marco Polo de Mello Lopes, deverá agravar-se neste ano. O IABr prevê uma queda nas vendas internas em 2016 de 4% na relação anual. O cálculo é de que em 2015 as vendas de aço no mercado doméstico tenham queda de 16,3% na comparação com o volume de 2014, para 18,2 milhões de toneladas.

Essas previsões afetam diretamente Cubatão, pois afastam a possibilidade de mudanças na decisão da Usiminas que resultou na suspensão das atividades primárias de produção de aço na usina de sua propriedade localizada na Cidade. A partir deste mês, começam as demissões no quadro de trabalhadores diretos da área primária da empresa. Permanecerão apenas os trabalhadores na área de laminação de chapas que chegarão ao porto da Usiminas em Cubatão vindas provavelmente da Companhia Siderúrgica do Atlântico (CSA), localizado nas proximidades do Porto de Sepetiba, no Rio de Janeiro. No mercado circulam informações, não confirmadas pela empresa, de que estão sendo mantidos entendimentos com o grupo alemão ThyssenKrupp, controlador da siderúrgica. A CSA pertence ao grupo alemão que detém 73,13% das ações e à Companhia Vale do Rio Doce (26,87%). Criada em 16 de junho de 2010, a empresa transforma em aço o minério de ferro retirado no estado de Minas Gerais pela Vale. A produção está voltada para a exportação de placas para serem

laminadas nas unidades da ThyssenKrupp no Alabama (Estados Unidos) e Alemanha, que por sua vez venderão o produto final para a indús-

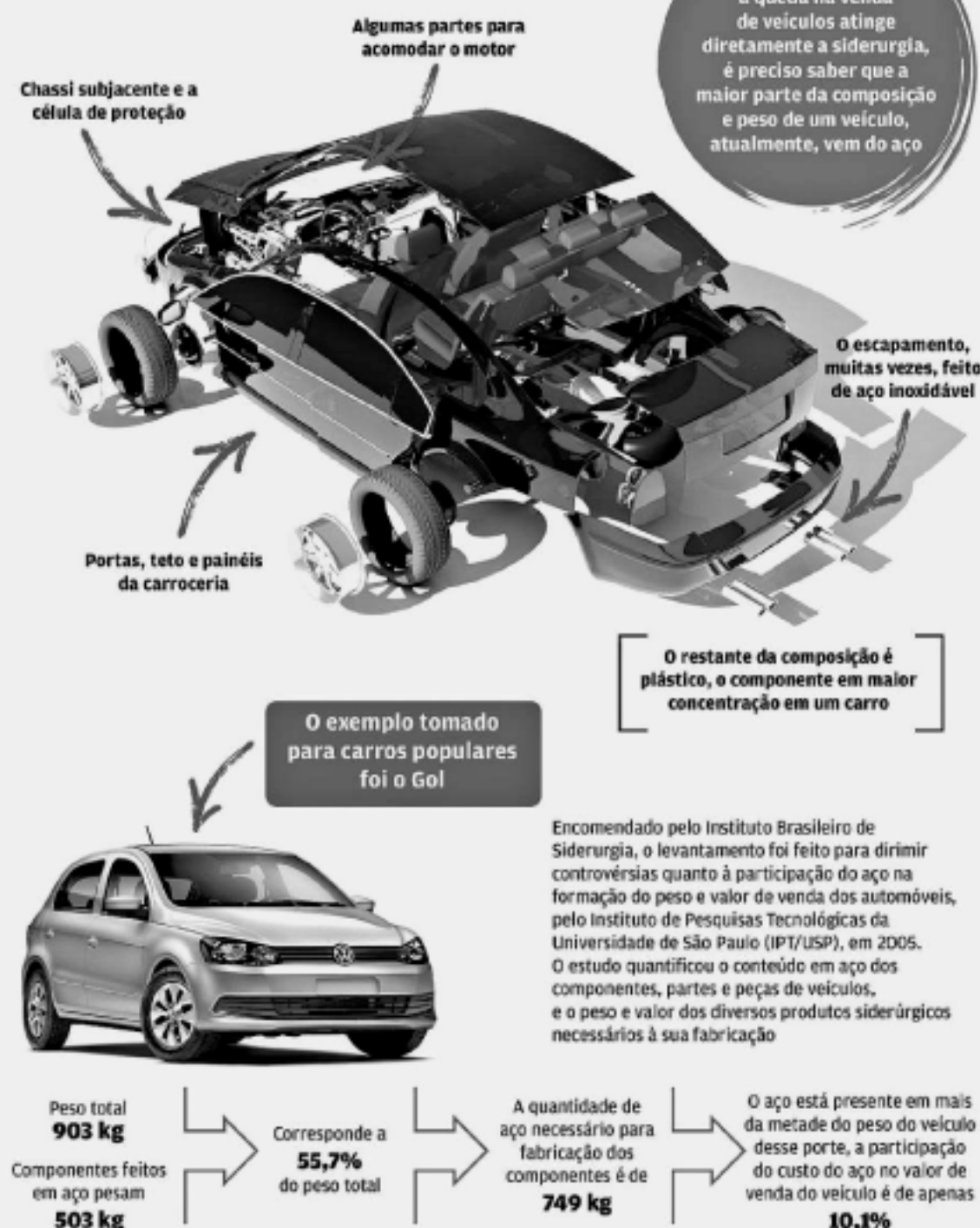
tria automobilística e de eletrodomésticos. Se as negociações se confirmarem, venderá as placas para a Usiminas em Cubatão.

PIOR CRISE

A decisão da Usiminas em paralisar temporariamente a atividade primária em Cubatão é, até agora, o retrato mais cruel da

Divulgação/Instituto Aço/Brasil

Em média, um carro pode ter de 903 kg até 1.350 kg de aço



A queda da produção automobilística, que usa aço na produção de veículos, também afeta a siderurgia

Cai mais

As previsões é de que 2016 será o segundo ano consecutivo de redução de vendas de aço, com uma queda de cerca de 6% em relação a 2015.

crise que atinge as produtoras de aços planos. Mas não será o único. A CSN anuncia que deverá suspender a produção do seu alto-forno número dois em Volta Redonda (RJ), com risco de demissões de 3 mil pessoas. A estratégia das siderúrgicas deverá ser buscar espaço no mercado externo, na tentativa de encontrar apoio no real desvalorizado. Embora não produza aços planos, a siderúrgica Gerdau, do Rio Grande do Sul, está colocando seus produtos no exterior com alguma dificuldade, porque há excesso de produtos de aço no mundo. Por isso, também paralisou parte das suas acia-rias. Cortou empregos e fez uso da suspensão de contratos de trabalho (lay off) e deu férias coletivas. A situação também é ruim no setor que compra aço para produzir veículos e eletrodomésticos. "O primeiro trimestre de 2016 já começará muito ruim, ainda mais na base de comparação, já que o primeiro trimestre de 2015 foi relativamente bom. O ano será difícil para as usinas, tendo em vista as projeções de queda da atividade industrial", destaca o presidente do Instituto Nacional dos Distribuidores de Aço (Inda), Carlos Loureiro que prevê uma queda de mais de 20% no ano passado na comparação com 2014.